

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia

Projeto de Estágio Básico II – Eixo Estruturante III: Procedimentos para a pesquisa científica e prática profissional 2026.1

Título do Projeto: Juventudes indígenas: cartografias afetivas e produção de saúde

Docente responsável: Silvana Mendes Lima

Semestral, 136 horas

Vagas: 10

Horário: quartas-feiras, das 16h às 20h

Local do estágio: O trabalho de campo, será realizado na Escola Municipal indígena “Para Poty Nhe’já”, na Tekoa Ka’aguy Ovy Porã (Aldeia Mata Verde Bonita), em Maricá.

A agenda relativa aos encontros com os jovens indígenas, será previamente negociada com o calendário da coordenação da Escola

1) Resumo do Projeto

A saúde mental das populações indígenas no Brasil é um campo que exige uma escuta sensível às suas especificidades sociais, culturais e históricas. A psicologia, como campo de saber/poder, apenas recentemente vem considerando tais especificidades. No ano 2004 o CFP passou a promover debates sobre a temática de modo a desenvolver uma abordagem intercultural e decolonial ou contracolonial, como nomeia Nego Bispo.

A perspectiva contracolonial busca pautar modos de existir na direção do respeito à biodiversidade, na construção coletiva das distintas formas de vida de todos os seres que coexistem na Pachamama, ela própria reconhecida como um ser vivo. Essa direção, nos convoca a acompanhar as transformações políticas, culturais e tecnológicas em curso. Uma dessas transformações diz respeito aos desafios atuais enfrentados pelas juventudes indígenas.

Pesquisas recentes apontam sobre o crescimento expressivo nas taxas de suicídio entre jovens indígenas, quadros de depressão, entre outros sintomas. Embora as causas do sofrimento psíquico sejam complexas, parte delas são expressões da falta de expectativa do jovem com o amanhã, das formas de pertencimento ao território, dificuldades de inserção socioeconômica, o apagamento cultural e racismos de que se tornam alvos, entre outras.

E uma das instituições que atravessa a vida desses jovens é a escola. Uma instituição que necessita ser cuidada já que a saúde mental de seus estudantes está intrinsecamente ligada a promover as condições em que eles se sintam ouvidos, respeitados, pertencentes e protagonistas.

Nesse processo de validar e dar passagem a práticas de cuidado na sua dimensão cultural, social, afetiva, ancestral é que estaremos nos aproximando dos jovens guarani a partir de uma ação coordenada entre os Curso de Psicologia, a Faculdade de Educação da UFF e a Escola Municipal indígena Para Poty Nhe’já, na Tekoa Ka’aguy Ovy Porã, situada na Aldeia Mata Verde Bonita, em Maricá.

Trata-se de um projeto que se articula a uma forma de gestão fundamentada no princípio de que a escola indígena é território. Território de vida, memória, espiritualidade, trabalho coletivo, produção de conhecimento, cuidado e futuro.

Um dos eixos que compõem o projeto trata da gestão da cultura, linguagens e juventudes. Esse eixo objetiva desenvolver ações de escuta, cuidado e acompanhamento dos processos afetivos das juventudes indígenas em torno das questões de gênero, racismo, sexualidade, convivência entre pares tendo como horizonte integrar saúde mental, escola, território e comunidade.

2) Objetivo

Geral: criar dispositivos de acolhimento a juventude indígena Guarani aliados ao fortalecimento da comunidade dentro de seu território, a ampliação de um diálogo geracional e intercultural que viabilize troca de saberes, priorizando a autonomia e o protagonismo desses jovens.

Específicos:

3) Atividades a serem desenvolvidas

3.1) Leitura e discussão dos aportes teórico-metodológicos que embasam o estudo da temática em foco e de pesquisas específicas sobre a produção da saúde mental e juventudes indígenas;

3.2) Participar das reuniões que se dedicam ao eixo Gestão da Cultura, linguagens e juventudes, estabelecendo articulação com os demais eixos: Gestão pedagógica; Gestão do território e da vida; Gestão do conhecimento, memória e comunicação; Gestão institucional e política pública;

3.3) Participar das rodas de conversa (dispositivos de escuta cartográfica) com os jovens indígenas;

3.4) Confecção de diário de campo;

3.5) Elaboração de relatório/restituição dos materiais produzidos aos jovens indígenas e aos/as profissionais que participam da gestão pedagógica da escola

3.6) Participação nos encontros de supervisão.

4) Metodologia

Tomando de empréstimo o conceito de cartografia do campo geográfico, temos que esta – diferentemente do mapa e sua representação de um todo unívoco - busca acompanhar os desenhos das paisagens psicossociais e seus movimentos de transformação próprios a construção coletiva dos jovens indígenas e da instituição escola. A cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos”. (Rolnik, 1989). Uma escuta cartográfica implica em estarmos atentos ao universo de referência dos jovens indígenas e suas conexões com a escola, a aldeia e seu território, entre amigos, espiritualidade, trabalho, entre outras parciais que compõem seus modos de ser, sentir, pensar e estar no mundo.

Do ponto de vista dos dispositivos de aproximação dos jovens, adotaremos as **rodas de conversas**. Trata-se de um método que consiste em criar espaços de diálogo e de escuta

para estimular a troca de informações e de reflexão para a ação. Objetiva-se a partir da coletivização e circulação da palavra traçar tanto o que é considerado o comum a todos os que participam do projeto como aquilo que é vivido na sua diferença. As rodas são espaços onde a fala de cada componente ganha legitimidade num processo de partilha-aprendizagem e de reconhecimento uns dos outros com seus saberes e valores próprios. Fazer parte da roda permite que os jovens se sintam amparados, porque ali estão pessoas com as quais eles podem se identificar de alguma maneira, seja porque moram na mesma comunidade, seja porque pertencem a um mesmo grupo etário, étnico, seja porque tem as mesmas dúvidas e curiosidades.

Bibliografia básica:

Castro, L; Fonseca, C. Escolas Vivas, materiais didáticos e pedagogias territorializadas: experiência de co-edição a partir da Coleção Capanga de Aruanda. *Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Campo Grande, Volume 9, n. 19, 2025.*

Krenak, A. *Ideias para adiar do fim do mundo*, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

Krenak, A *vida não é útil*, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2020.

Núñez, G. Perspectivas guarani sobre binarismos da colonização: caminhos para além das monoculturas, In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis. V.15, n.40, e010, dez 2023.

Rolnik, *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*, Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

Souza RSB, Oliveira JC, Alvares-Teodoro J, Teodoro MLM. Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática. *Rev Panam Salud Publica.* 2020; 44:e58. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.58>;

Bibliografia complementar:

BARROS, M. E. B. Modos de gestão, produção de subjetividade na sociedade contemporânea. In: *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*. Niterói/RJ, Vol. 14, N. 2: 59-74.

Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas/Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Pública. — 1. ed. — Brasília: CFP, 2022.

Suicídio. Saber, agir e prevenir in *Boletim Epidemiológico Secretaria de Vigilância em Saúde - Brasil* Volume 48 n. 30, 2017.

<https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/suicidio-indigena/#cover>